

Ajuda ao Brasil é alvo de críticas nos EUA

Tina Evaristo

Da equipe do **Correio**

A sorte do presidente americano, Bill Clinton, e do Fundo Monetário Internacional (FMI) está lançada. Ambos apostaram pesado no Brasil e na capacidade de a equipe econômica brasileira resgatar a credibilidade do país junto aos investidores internacionais, advertem jornais dos Estados Unidos.

O governo americano se expôs muito na operação, dizem as reportagens. Além do próprio Clinton ter feito lobby no Congresso e entre os empresários dos Estados Unidos, aprovou a utilização de dinheiro do contribuinte norte-americano, cerca de US\$ 5 bilhões, para o pacote de US\$ 41,5 bilhões que deve proteger a economia brasileira do colapso.

Na sexta-feira, dia do anúncio do pacote, o jornal americano *The New York Times*, disse que Clinton estava arriscando a imagem de seu governo em algo incerto. No dia seguinte, o jornal lembrou que outras tentativas de resgate econômico, realizadas na Ásia e na Rússia, haviam fracassado e que, portanto, o governo americano não poderia garantir que no caso do Brasil o resultado seria diferente.

Clinton justificou sua atitude em discurso feito na tarde do dia 13: "O fortalecimento do Brasil significa a manutenção de muitos empregos nos EUA", afirmou o presidente, acrescentando que a crise seria controlada na América Latina, fato que impediria o contágio da economia norte-americana.

"Podemos não ter garantias, mas acreditamos que esta é a melhor saí-

da para o povo brasileiro e para o bem-estar econômico dos americanos", completou Robert Rubin, secretário do Tesouro.

Salvar o Brasil virou questão de honra para o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus. A imagem do Fundo foi muito desgastada, depois da crise ter praticamente arrasado todos os países asiáticos e a instituição ter gasto mais de US\$ 100 bilhões, sem, no entanto, conseguir reerguer nenhuma economia afetada pelo problemas financeiros.

Em 1995, lembra o *New York Times*, o governo norte-americano colaborou com US\$ 12 bilhões no pacote de US\$ 40 bilhões concedido ao México. Porém, exigiu alguma garantia em troca. Enquanto a dívida estava pendente, todo o dinheiro arrecadado pelo México com vendas de pe-

tróleo tinha de passar pelo Banco Central de Nova York.

Do Brasil, porém, os Estados Unidos têm somente a promessa de que o governo vai implementar um plano de austeridade fiscal, e a declaração do Banco Central (BC) de que o País tem US\$ 40 bilhões em reservas internacionais. Nesse sentido, o *Financial Times*, publicação inglesa especializada em finanças, recorda que há um ano, o presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou um programa de reformas que nunca saiu do papel.

"O importante para os investidores é que o Brasil aprove de uma vez por todas as reformas fiscais. Sem isso, logo, logo vai começar a revoada de capital estrangeiro", prevê Arturo Porzecanski, economista-chefe para a América Latina, do banco de investimentos ING Barings.

Os bilhões à disposição do Brasil têm um único objetivo: convencer os investidores estrangeiros de que a economia do país permanece estável e tem meios de sobreviver a ataques especulativos.

Em outras palavras, a ajuda serviu para assegurar aos banqueiros de que eles terão mais lucros se continuarem colocando dinheiro no Brasil. O *Wall Street Journal*, outro jornal norte-americano, afirmou ontem que a situação deveria ser diferente porque o investidores particulares são sempre os maiores beneficiados com os empréstimos internacionais.

Segundo analisa o jornal, os bancos comerciais entram nos mercados emergentes à procura de lucro fácil e, quando a situação fica difícil, retiram todo o capital, deixando o País vítima do desemprego e da recessão.